

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

TRADIÇÕES POPULARES

(Miscellanea)

Ao sr. J. da Silva Vieira.

(Continuação)

III

O padre-nosso pequenino

(versão local)

Padro nosso pequenino,
Quando Deus era meuino
E andava por esses mares
Visitando os seus altares,
Encontrou a Magdalena
Com cem varas de rigor
Para alimpar o Senhor.
—Tapa, tapa, Magdalena,
Nãe me queiras alimpar,
Que estas são as cinco chagas
Que por ti hei-de passar.—
Jã os gallos pretos cantam,
Jã os anjos se alevantam,
Jã o Senhor subiu à cruz
Para sempre. Amen, Jesus.

—*—

Padre-nosso pequenino,
Tem as chaves do menino;
Quem lh'as deu? quem lh'as daria!
—S. Pedro e Santa Maria.

IV

Praticas religiosas

A gente do campo, devota mas analphabeta, tem as suas orações e rezas especiaes, recebidas purar ente da tradição oral, para cada cerimonia ou acto religioso a que assiste. Esperámos, ainda um dia, dar à estampa em volume, a collecção de todas as praticas religiosas, algo originaes e suggestivas, que sollicitamente, desde muitos annos, vimos recolhendo da bocca do povo, e que devem constituir—parece-nos—um

bello subsidio para a historia do mythologia e para o estudo das religiões comparadas.

Entretanto iremos publicando, ao acaso, alguns trechos avulsos, como estes:

(a) Para assistir à missa

Quando o devoto ou devota se aproxima da egreja, reza em voz baixa:

—Peccado meu ficae lá fóra,
Que eu venho ouvir esta missa
Pra entrar no reino da gloria.—
Depois de entrar na egreja e dirigindo-se á pia da agoa benta:

—Esta agoa benta tomo
Prá remissão dos meus peccados;
Que á hora da minha morte
Todos me sejam perdoados.—
Ao ajoelhar-se:

—Deito o meu joelho em terra
Para fazer oração;
Que a minh'alma se não perca
Nem morra sem confissão.—

Ao vir o padre para o altar:

—Deus te salve cavalheiro honrado.

Que co'as armas de Christo vens armado.
Persignou-se elle, persigno-me eu a mim
Benedicta seja a hora em que eu aqui vim
Sempre que o padre se volta para o publico faz-se o signal da cruz.

Ao levantar-se o calix
Jã se levanta o calix bento,
Jã os anjos lh' estão dentro,
Valha-me a Senhora do Rozario
Mais o Sanctissimo Sacramento.—

Ao levantar-se a hostia:

—Oh clara redondinha
Nascida da flor da palma,
Onde está o calix bento
E a hostia consagrada.—

Quando o devoto se ergue para sahir da egreja:

—D'esta casa santa me vou,
E a minh'alma sempre cá fica.
Todos somos obrigados
A pagar esta visita.—

—*—

b) O sagrado viatico

Quando o viatico vae sair da igreja, reza-se:

—Já o sacrario está aberto.
 Já o Senhor vae sahir;
 Bemdicta seja a alma
 Que já se quer ir.—
 Depois do viatico sair da igreja:
 —Senhor, comvosca vou,
 Senhor, comvosco quero ir,
 Três dons vos quero pedir:
 A paciencia de Job,
 A dôr de Magdalena,
 Graça p'ra vos servir.—

—*—

c) Horas completas

Quando, na quaresma, tocam horas completas reza-se:

—Horas completas são,
 Horas completas eram
 Quando Jesus Christo prenderam
 E em tenebras o metteram.
 Pilatos deu a sentença
 Que o Senhor fosse açoitado,
 Seus hombros desconjunctados.
 Hora é quando levaram
 Pela rua da Amargura
 O estandarte precioso
 Onde se crucificou Christo,
 Senhor todo poderoso.

Variante 1.ª:

—Horas de completas são,
 Horas de completas eram
 Quando Jesus Christo prenderam
 E em tenebras o metteram.
 Quarta foi quando passou
 Pela rua da Amargura.
 Adoro-te, vera-cruz,
 Estandarte precioso
 Onde se crucificou Christo,
 Senhor todo poderoso.—

Variante 2.ª:

Horas de completas são,
 Horas de completas eram
 Quando Jesus-Christo prenderam;
 A Pilatos o levaram,
 Pilatos deu a sentença:
 «Quinta-feira d'endoenças
 Corresse toda a cidade.»—
 As pedras se quebravam,
 O só se escurecia,
 O filho de Deus morria
 Porque nos salvar queria.
 Adoro-te, vera-cruz,
 Estandarte precioso

Onde se crucificou Christo
 Senhor todo poderoso.

V

Salve-rainha pequenina

(versão local)

Salve-rainha pequenina,
 Rosa branca sem espinha,
 Cravo do amor,
 Mãe de Nosso Senhor:
 Dae-nos luz e entendimento
 Para receber o Sanctissimo Sacramento.

VI

Os mandamentos do clerigo

Primeiro—servir a Deus por dinheiro.
 Segundo—enganar a Deus e a todo o mundo
 Terceiro—bôa cama, melhor traveseiro.
 Quarto—jejuar depois de farto.
 Quinto—differençar o branco do tinto.

(continua)

Serpa.

Dias Nunes.

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI-
 XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR

DIAS NUNES

(continuação)

CCLXLIII

Oh meu amor, meu amor,
 Mal pagas a quem te adora!
 A quem por amor de ti
 Tantas lagrimas que chóra!...

CCLXLIV

O' amor, não desconfies,
 Quem desconfia, perdeu;
 Inda que eu falle com outrem,
 Meu coração sempre è teu.

CCLXLV

O' amor, não desconfies
 D'ou para ti não olhar,
 Que isto são lembranças minhas
 Para o mundo não fallar.

CCLXLVI

O' castello abrasador,
Deita fogo se poderes!
Na batalha do amor
Quem a vence são as mulheres.

CCLXLVII

O' amor, emenda a lingua,
Que essa lingua não dá conta;
Quem tem a lingua comprida,
Dá-se-lhe um golpe na ponta.

CCLXLVIII

O' José, aperta a cinta,
Não sejas dosmaranhado;
Terás cintura de dama
Se andares bem apertado.

CCLXLIX

O sól quando nasco é rei,
Ao meio dia é morgado;
A' tarde é fallecido,
E á noite, sepultado.

CCC

Não me saberão dizer
Onde o correio anoitece?
Quero mandar uma carta
A meu bem, que não me esquece.

CCCCI

Não quero que me dê nada,
Que eu também nada te dou;
Não quero que vivas lembrado
Do tempo que já passou.

CCCCII

Não quero que me dê lenços:
Lenços de mais tenho eu!
Não quero que depois digas:
—Eso lenço te dei eu.

CCCCIII

Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir;
Já te dei meu coração
E chave para o abrir.

CCCCIV

Na Cabeça Gorda
Não ha senão prantos...
Caiu a igreja,
Morreram os santos!

CCCCV

Na Cabeça Gorda
Ha um santo só:
E' de pão d'asidro,
Feito á enxó.

CCCCVI

Na torre de Beja
'Stá uma roseira
Com o pé voltado
Para a Vidigueira.

CCCCVII

Não tenho mais nada,
Meu bem, que te offeroça,
Senão uma rosa
Da minha cabeça.

CCCVIII

Não é fineza nenhuma
A rosa em botão cheirar;
Fineza é depois de secca
O mesmo cheiro deitar.

CCCIX

Nem a rosa na roseira,
Nem outra qualquer flor,
Nem a primavera inteira!
Vale mais que o meu amor.

CCCCX

Nas ondas do mar lá fóra,
Tenho quem me queira bem.
Não é na primeira onda?
E' na segunda que vem.

CCCCXI

Não posso ter alegria,
Meu amor, em te não vendo;
Não me importa a sympathy
Que tu com outra estás tendo.

CCCCXII

Não te mates, não te cances,
Que já não me has-de vencer;
Eu já tenho quem me logre
Dois dias que hei-de viver.

CCCCXIII

Não cuides, por me deixares,
Que me causaste desgosto;
São pratos na cantareira:
Um tirado, outro pasto.

CCCCXIV

N'estes campos solitarios
Onde a desgraça me tem,
Brado. ninguem me responde,
Olho, não vejo ninguem.

CCCCXV

N'estes campos solitarios
Cheios de mimosas flores,
Nada, nada me distráe;
'Stou triste *permonde* amores.

CCCCXVI

Não colhas a parra á vinha,
Nem a raiz á serralha,
Que é o sustento dos homens
No anno em que ha pouca palha.

CCCCXVII

Não colhas a parra á vinha,
Nem a raiz ao loendro,
Que é o sustento dos homens
No anno em que ha pouco fêno.

CCCCXVIII

Hei-de-te amar se me amares,
Querer-te se me quizeres,
Deixar-te se me deixares,
Farei o que tu fizeres.

CCCCIX

Hei-de-te amar com ciumes
Que te hei-de fazer raivar;
Nem hei-de cazar contigo,

Nem te hei-de deixar casar.

CCCXX

Graças a Deus que chegou
Quem eu desejava ver!
A' palavra não faltou,
Assim é que ha-de fazer.

CCCXXI

Graças a Deus que chegou,
Seja muito bem parecido;
O rigor da sua ausencia
Só eu o tenho sentido.

CCCXXII

Graças a Deus que começo,
Em louvor do Esp'rito Santo!
E' a primeira cantiga
Que aqui n'este balho canto.

CCCXXIII

Graças a Deus, aii que gloria!
Já zombei, d'amor um dia;
Já quebrei, fiz em bocados,
Um grilhão que me prendia.

CCCXXIV

Rosa branca toma côr,
Não sejas tão descolorada,
Que dizem as outras rosas:
—Rosa branca, não és nada.

CCCXXV

Francisco, por ti me arrisco,
Por ti perco o meu valor.
Diga o mundo o que quizer;
Francisco é o meu amor.

CCCXXVI

Fuí dispôr o rôxo na agoa,
O encarnado, na areia;
Fuí dispôr uma saudade
Na mais delicada feia.

CCCXXVII

Fuí collher a rosa branca.
A' roseira do Japão;
Era o teu fiel retrato
Unido ao meu coração.

CCCXXVIII

Quem canta, seu mal espanta,
Quem chora seu mal augmenta.
Eu canto por disfarçar
Uma dôr que me atormenta.

CCCXXIX

Quem chora por um ausente,
Tendo á vista um bem que adora,
Nem ama a quem tem presente,
Nem é firme por quem chora.

CCCXXX

Quem de meu peito saiu,
Grandes delictos causou.
Não me venha com moiguicos:
Quem saiu, já não entrou.

CCCXXXI

Q'ria-te bem, na verdade,
Amava-te certamente;
Assim que vi que eras falsa

Retirei-me airoosamente.

CCCXXXII

Impossivel! Sem ser Deus,
Haja quem de ti me aparte
Se houver quem se ponha isso,
Haja tambem quem me mate!...

CCCXXXIII

Matastes um porco gordo,
Has-de me dar 'ma talhada,
Que seja o corpo todo,
Mais a cabeça agarrada.

CCCXXXIV

Mais vale um ganhão
Sem manta nem nada,
Que trinta sovinas
De beta engraxada.

CCCXXXV

Mais vale um ganhão.
Roto e sem camisa,
Que trinta sovinas
Do marrafa lisa.

CCCXXXVI

Meu amor 'stá mal commigo,
As pazes não quer fazer;
Hei-de levar em meu brio
De lhe não obedecer.

CCCXXXVII

Mãosinhas de neve
A's minhas chegaram:
Traziam feitiços
Que m'enfeiteçaram.

CCCXXXVIII

Meu rival vive com gosto,
Eu vivo com alegria;
Com elle é o namoro,
E commigo a sympathia.

CCCXXXIX

Mais alegres do que os dias,
As noites p'ra mim 'stão sendo;
Cartinhas ao meu amor
Eu sonhos 'stou escrevendo.

CCCXL

E's bonita como a morte,
Alegre com'um enterro;
Direitinha como o fuso,
Delicada como um cerro.

CCCXLI

Vou-me a cantar 'ma cantiga,
Faz favôr, dê-me a resposta:
Ou se quer, ou se não quer,
Ou se gosta, ou se não gosta.

CCCXLII

Vou-me cantar 'ma cantiga
Em louvor de S. Lourenço.
Quem quizer aqui balhar
Ha-de tirar o seu lenço.

(continúa)

